



**A Filosofia Como Modo de Vida no Platonismo da Era Imperial e em Plotino**  
**Philosophy as a Way of Life in the Platonism of Imperial Age and in Plotinus**

Bernardo Lins BRANDÃO<sup>1</sup>

**Resumo:** A filosofia é geralmente concebida hoje nos dias de hoje como uma prática discursiva, na qual filósofos elaboram doutrinas e argumentos. Mas essa não é a única visão possível. Em alguns contextos da Antiguidade, ela era também concebida como um modo de vida. Neste artigo, analiso como o platonismo do período imperial, especialmente Plotino, compreendia essa vida filosófica e como doutrina e argumentação, ascensão da alma e terapia das paixões estavam inseridas nessa visão.

**Abstract:** Philosophy is generally understood nowadays as a discursive practice, in which philosophers elaborate doctrines and arguments. But that is not the only possible view. In some contexts of Antiquity, it was also conceived as a way of life. In this paper, I analyze how the platonism of the Imperial age, specially Plotinus, saw this philosophical life and how doctrine and argument, ascension of the soul and therapy of passions was part of it.

**Palavras-chave:** Plotino - Neoplatonismo - Filosofia como modo de vida - Terapia das paixões - Ascensão.

**Keywords:** Plotinus - Neoplatonism - Philosophy as a way of life - Therapy of passions - Ascension.

ENVIADO: 05.06.2013

ACEITO: 01.08.2013

\*\*\*

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela UFMG, Professor de Grego Antigo na UFPR. *E-mail:* [bgsbrandao@gmail.com](mailto:bgsbrandao@gmail.com).



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17* (2013/2)  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média

## I. A Filosofia Antiga

Quando, nos dias de hoje, falamos em filosofia, em muitos casos, pensamos no esforço de elaborar uma explicação abstrata do mundo, na análise de argumentos e na leitura de textos em busca de sua consistência lógica e doutrinal. Em suma, logo nos vem à mente uma atividade eminentemente discursiva. Essa não é, no entanto, a única concepção possível. O amor à sabedoria pode se manifestar de formas variadas, aquém e além do discurso. Isso me parece ser claro na filosofia antiga.

Não podemos negar a importância do discurso para os antigos, mas, para eles, a filosofia também podia se manifestar em modos de vida específicos, práticas contemplativas supra-discursivas e até mesmo em rituais teúrgicos destinados à purificação da alma (como em Proclo e Jâmblico). Segundo Pierre Hadot, “o discurso filosófico deve ser compreendido na perspectiva do modo de vida no qual ele é, ao mesmo tempo, o meio e a expressão e, em consequência, que a filosofia é, antes de tudo, uma maneira de viver, mas está estreitamente vinculada ao discurso filosófico”.<sup>2</sup>

Após a formação da Academia platônica e, especialmente no período helenístico e imperial, a filosofia tinha uma série de papéis sociais. Em primeiro lugar, era, ao lado da retórica, uma proposta de educação superior. Foram as escolas de Platão e Isócrates que deram uma forma mais ou menos definitiva ao acesso à cultura superior no mundo greco-romano:

À geração dos grandes sofistas e de Sócrates, fecunda, mas incoativa e tumultuosa, sucede outra, a que cabe o mérito de ter conduzido a educação antiga, por muito tempo estagnada num estado arcaico, ou incerta do seu porvir, à sua maturidade (...) Esse progresso decisivo verificou-se no início do quarto século (ousarei precisar: durante as décadas 390 e 380) e é devido, essencialmente, à obra de dois grandes mestres: Isócrates (436-338) e Platão (427-348); o primeiro abriu sua escola em 393, e o segundo, em 387. Não que estes dois homens, ou o seu tempo, hajam introduzido muitas inovações nas instituições e nas técnicas educativas: não fizeram senão expurgar e retocar as de seus predecessores. Sua ação, muito mais profunda, constituiu em delinear, de maneira nítida e definitiva, em seu próprio pensamento e na consciência antiga, os quadros gerais da cultura superior; ao mesmo tempo, e indiretamente, foram por eles definidos os quadros da educação.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> HADOT, Pierre. *O que é Filosofia Antiga*. S. Paulo: Loyola, 2008, p. 18.

<sup>3</sup> MARROU, Henri. *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU, 1975, p. 102.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17* (2013/2)  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média

No entanto, a filosofia era um caminho mais exigente que a retórica, pois implicava em estudos mais exaustivos e, muitas vezes, na adoção de um modo de vida mais austero. Afinal, o termo *philosophía*, a partir de Platão, designa o cultivo da cultura geral, mas, além disso, também a busca por uma sabedoria que, indo além do discurso filosófico, reflete-se no modo de vida. É por isso que a adoção da *paidéia* filosófica implicava, em alguns casos, em uma espécie de conversão que se manifestava na transformação da visão de mundo, escala de valores e até mesmo no modo de vestir e se alimentar.

Esse é o caso, por exemplo, de Pólemon, que, entrando embriagado, por acaso, no recinto de aula de Xenócrates, ficou tão impressionado com o discurso do filósofo que renunciou a sua vida libertina e, adotando o modo de vida filosófico, acabou por sucedê-lo como escolarca da Academia. Também é o caso de Hiparquia, jovem rica que se apaixonou pelo cínico Crates e abandonou tudo para segui-lo<sup>4</sup>, bem como de Agostinho que, tendo recebido uma formação retórica, converteu-se à filosofia com a leitura do *Hortênsio* de Cícero.<sup>5</sup>

Assim, se para alguns, a filosofia era apenas um dos tópicos de uma formação erudita (como, por exemplo, na escola de Isócrates, bem como em certos ambientes na era Imperial)<sup>6</sup> ou uma prática sistemática de investigação racional da realidade (como na escola peripatética), para outros, consistia em um modo de vida racional. Digo racional em dois sentidos. Primeiro, porque é um modo de vida fundamentado não na tradição, na convenção ou em uma revelação, mas no *lógos*. Depois, porque a atividade racional possui um lugar fundamental nesse modo de vida. É a vida teórica, louvada por Heráclides do Ponto, na comparação, atribuída a Pitágoras, da vida com um festival, ao qual alguns vão para competir, outros para o comércio e os melhores como

---

<sup>4</sup> Essas anedotas se encontram na *Vida dos Filósofos* de Diógenes Laércio. Para Pólemon, IV, 16. Para Hiparquia, VI, 96.

<sup>5</sup> Que, no entanto, também era um retórico - não se pode pensar a filosofia e a retórica na Antiguidade como estando em simples oposição

<sup>6</sup> Cf. MARROU, *op. cit.*, p. 130-149. Sobre o período imperial, cf. HADOT, *op. cit.*, p. 217: “nessa atmosfera escolar e professoral, será muito frequente a tendência em satisfazer-se com o conhecimento dos dogmas das quatro grandes escolas sem se preocupar em adquirir uma verdadeira formação pessoal”.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17* (2013/2)  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média

espectadores, também na vida, os escravos por natureza são caçadores de glória e ambição, mas os filósofos, da verdade.<sup>7</sup>

No entanto, certas escolas filosóficas da Antiguidade, como a epicurista e a estoica, não prometiam apenas uma vida contemplativa, mas a vida feliz. A sabedoria buscada pela filosofia era uma vida que “trazia paz de espírito (*ataraxía*), liberdade interior (*autárkeia*) e uma consciência cósmica”.<sup>8</sup> Portanto, “a filosofia era um modo de existir no mundo que devia ser praticado a cada instante e cujo objetivo era transformar a totalidade da vida individual”.<sup>9</sup> Portanto, também era, ao menos nesses casos, uma arte de viver (*tékhne tón bíou*)<sup>10</sup> que, como toda arte<sup>11</sup>, tinha dois pilares fundamentais: os princípios doutrinários e os exercícios práticos, cujo objetivo era produzir obras apropriadas e provocar uma transformação de vida.

Em alguns contextos, a filosofia foi também pensada como uma terapia da alma. Plutarco, em *Das Doenças da Alma e do Corpo*, considerava que, assim como os médicos tratam das enfermidades do corpo, os filósofos cuidam dos males e vícios que assolam a alma. Do mesmo modo, no *Sobre a Tagarelíce*, escrevia que é delicado e difícil para a filosofia empreender a cura da tagarelíce, já que seu remédio, a palavra, é feito para aqueles que ouvem, e os tagarelas não ouvem ninguém, já que estão sempre falando.<sup>12</sup> Com isso, dava a entender que a filosofia é uma terapia realizada através da palavra que deve ser escutada e assimilada. Ou seja, uma prática na qual o discurso ocupa um papel fundamental que, no entanto, vai além de si mesmo.

---

<sup>7</sup> DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas dos filósofos ilustres*, VIII. Outras versões da anedota podem ser encontradas nas *Tusculanas* de Cícero e na *Vida de Pitágoras* de Jâmblico.

<sup>8</sup> HADOT, Pierre. *Philosophy as a Way of Life*. Oxford: Blackwell Publishers, 1995, p. 265.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 265.

<sup>10</sup> Expressão que aparece frequentemente associada com os estoicos. A esse respeito, cf. SELLARS, John. *The Art of Living*. Londres: Briston Classcis Press, 2009, p. 55. Obviamente, nem todas as propostas filosóficas da Antiguidade podem ser pensadas assim. Novamente, penso que o exemplo aristotélico é claro a esse respeito: ainda que exista ali o ideal da vida teórica e reflexões éticas, não vejo como elas possam constituir uma *tékhne tón bíou*.

<sup>11</sup> Entendo arte aqui como *tékhne*, isto é, como um conhecimento racional voltado para alguma atividade prática

<sup>12</sup> *Sobre a Tagarelíce*, 1.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17* (2013/2)  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média

Para ser mais preciso, alguns pensadores antigos propunham uma terapia filosófica das paixões. Para Cícero, por exemplo, a filosofia prometia um soberano remédio para o nosso mal, curando-nos das paixões que nos dominam e colocam obstáculos para nossa felicidade.<sup>13</sup> Contudo, não havia uma noção unânime sobre a natureza dessa terapia. As propostas eram variadas. Para alguns, como os aristotélicos e medioplatônicos, o ideal era a *metriopátheia* (moderação das paixões). Para outros, como os estoicos, a meta era a *apátheia*, (ausência de paixões). Por fim, para outros ainda, como Gregório de Nissa, as duas metas eram desejadas, em momentos diferentes. Para ele, a *metriopátheia* era pensada como um ideal nessa vida, enquanto a *apátheia* era projetada para a vida dos bem-aventurados após a morte.<sup>14</sup>

De qualquer modo, a proposta de uma terapia das paixões – e da filosofia antiga de um modo geral, quando pensada como um modo de vida – estava estreitamente ligada à noção de virtude. Plutarco afirmava que os sofistas, quando põem de lado seus livros, não são melhores que os outros homens nos atos reais da vida.<sup>15</sup> Por sua vez, o discurso filosófico não existia para esculpir estátuas imóveis, mas para inspirar juízos geradores de atos úteis e escolhas em favor do bem.<sup>16</sup> A cura da alma visava extirpar o vício e, em seu lugar, implantar a virtude.

A concepção de Hadot da filosofia como um modo de vida foi debatida por uma série de estudiosos, que, com isso, contribuíram para a formação de um panorama mais preciso da questão. Sellars<sup>17</sup> afirmou que a concepção de Hadot se esquecia do papel do *lógos* na prática filosófica, não o diferenciando suficientemente de outras formas de vida adotadas na Antiguidade. Mas, em seu livro *O que é a filosofia antiga*, Hadot fala da importância do discurso e da argumentação, ainda que, em outros textos anteriores enfatize as outras dimensões da filosofia antiga, justamente aquelas que haviam sido deixadas de lado por parte dos estudiosos contemporâneos.

Por sua vez, John Cooper criticou a noção de Hadot de uma opção existencial necessária para quem aceita as doutrinas de uma determinada escola filosófica:

---

<sup>13</sup> *Tusculanas*, IV.

<sup>14</sup> Cf. *Diálogo sobre a ressurreição e a alma*.

<sup>15</sup> *Como escutar*, 43f.

<sup>16</sup> *A filosofia deve conversar sobretudo com os grandes*, 776 c-d.

<sup>17</sup> SELLARS, *op. cit.*, p. 116.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17* (2013/2)  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média

a única opção existencial tomada por um filósofo antigo é seu compromisso em viver de acordo com o raciocínio filosófico.<sup>18</sup> Ser um epicurista ou um estoico, por exemplo, depende da “argumentação racional a favor dos princípios fundamentais da escola em questão”.<sup>19</sup> Em outras palavras, não é tanto a opção existencial que fundamentaria a argumentação filosófica, mas são os argumentos que condicionariam o modo de vida: “é crucial para a compreensão do que a filosofia antiga é ou foi que se veja a força central do compromisso de viver uma vida com base na razão filosófica. É isso que separa os filósofos como um grupo do resto da população”.<sup>20</sup>

No entanto, ainda que acredite que Cooper esteja certo em enfatizar o papel da argumentação racional no modo de vida filosófico, notando adequadamente que é sua fundamentação racional que o separa de outras formas de vida, também penso que Hadot é arguto em afirmar que a opção existencial exerce influência na formulação e na adoção das doutrinas. Esse último ponto, aliás, é utilizado na crítica à filosofia realizada por Luciano de Samósata em seu *Hermótimo*: de acordo com Hermótimo, personagem central desse diálogo, aqueles que ingressam em uma escola não o fazem persuadidos por argumentos, pois eles são estudados somente por aqueles que já pertencem a ela.

Cooper assevera que não há razão para pensar que algum filósofo antigo tomou primeiro a decisão de viver como um filósofo estoico, por exemplo, para depois aceitar as doutrinas estoicas, notando que muitos frequentaram mais de uma escola, antes de se decidir definitivamente por uma delas: primeiro se decide por viver filosoficamente, “de viver segundo a razão. E mesmo que, ao mesmo tempo, alguém já se decida por viver como um estoico, um epicurista ou um platônico, essa escolha específica é logicamente subsequente”.<sup>21</sup>

No entanto, as observações do Hermótimo de Luciano nos sugerem que, assim como em alguns casos alguns frequentavam diversas escolas filosóficas antes de se decidirem, em outros a opção por uma escola acontecia antes que

---

<sup>18</sup> COOPER, John. *Pursuits of wisdom: six ways of life in ancient philosophy, from Socrates to Plotinus*. Princeton: Princeton University Press 2012, p. 18-19.

<sup>19</sup> *Ibid.*

<sup>20</sup> *Ibid.*

<sup>21</sup> *Ibid.*, n. 27.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17* (2013/2)  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média

seus argumentos fossem avaliados. Além disso, ainda que se possa pensar que logicamente a escolha específica seja subsequente à opção pelo modo de vida segundo a razão, se a essa escolha se segue imediatamente à opção, os argumentos serão pensados após ou durante a adoção de tal opção existencial, que, portanto, influenciará de forma determinante na atividade racional.

Considero, assim, que concepção de Hadot de uma influência mútua entre argumentação e modo de vida seja mais interessante para a compreensão adequada da filosofia antiga que a visão um tanto unilateral de Cooper. Mas também penso que Cooper tem razão em afirmar que não é adequado falar em modo de vida filosófico, mas em modos filosóficos de vida, já que as doutrinas, as opções existenciais e suas relações eram consideravelmente diferentes nas diversas escolas.

## II. Platonismo

Gostaria, assim, de me deter no modo de vida proposto pelo platonismo do período imperial. Para esses filósofos<sup>22</sup>, a moderação das paixões, a virtude e a vida contemplativa tinham como fim a visão do deus. Não mais bastava viver segundo a natureza: era necessário transcendê-la. Um dos textos que nos permitem entrever esse espírito é o *Diálogo com Trifão*, escrito no século II d.C. por Justino. Em seu início, em uma conversa fictícia com o judeu Trifão, utilizando um *tópos* comum da biografia filosófica antiga<sup>23</sup>, Justino conta como, após frequentar diversas escolas filosóficas, converteu-se ao cristianismo. O texto começa com o encontro de Justino e Trifão, que o saúda e passa a conversar com ele:

Περιπατοῦντί μοι ἔωθεν ἐν τοῖς τοῦ ξυστοῦ περιπάτοις συναντήσας τις μετὰ καὶ ἄλλων· Φιλόσοφε, χαῖρε, ἔφη. καὶ ἅμα εἰπὼν τοῦτο ἐπιστραφεὶς συμπεριεπάτει μοι· συνεπέστρεφον δ' αὐτῷ καὶ οἱ φίλοι αὐτοῦ. κἀγὼ ἔμπαλιν προσαγορεύσας αὐτόν· Τί μάλιστα; ἔφην. Ὁ δέ· Ἐδιδάχθην ἐν Ἄργει, φησίν, ὑπὸ Κορίνθου τοῦ Σωκρατικοῦ ὅτι οὐ δεῖ καταφρονεῖν οὐδὲ ἀμελεῖν τῶν περικειμένων τότε τὸ σχῆμα, ἀλλ' ἐκ παντὸς φιλοφρονεῖσθαι

<sup>22</sup> Não podemos falar em uma escola no caso do platonismo imperial, já que, com a destruição da Academia no saque de Atenas feito por Sila em 86 a.C., os filósofos platônicos não mais contavam com uma referência institucional. No entanto, ainda que tenhamos uma certa pluralidade de visões entre os platônicos do período, existe uma concepção geral compartilhada por eles.

<sup>23</sup> Que também aparece no capítulo 3 da *Vida de Plotino* de Porfírio.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia* 17 (2013/2)  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média

προσομιλεῖν τε αὐτοῖς, εἴ τι ὄφελος ἐκ τῆς συνουσίας γένοιτο ἢ αὐτῷ ἐκεῖνῳ ἢ ἐμοί.

Andando de manhã nos pátios do ginásio, encontrei um certo homem com outros. “Saudações, filósofo”, ele disse. Ao mesmo tempo que dizia isso, virou-se e começou a andar ao meu lado. Seus amigos também se voltaram com ele. E eu, por outro lado, chamei-o: “o que é que há?”, dizia. E ele: “Foi-me ensinado em Argos, pelo socrático Corinto, que não se deve desprezar, nem deixar de lado os que se vestem dessa maneira, mas de todos os modos demonstrar-lhes estima e se associar a eles, se algum proveito vem desse convívio, para ele mesmo ou para mim”.<sup>24</sup>

Justino, já convertido ao cristianismo no início do diálogo, é, no entanto, reconhecido por Trifão como filósofo<sup>25</sup>, por causa de sua roupa, e admirado pelo benefício que a filosofia pode trazer. Logo em seguida, após as devidas apresentações, nas quais Trifão diz ser um hebreu foragido da guerra encabeçada por Bar Kochba contra os romanos nos anos 132-135, Justino, indagado sobre qual ideia tem sobre Deus e qual filosofia compartilha, conta sua história:

ἐγὼ τε κατ' ἀρχὰς οὕτω ποθῶν καὶ αὐτὸς συμβαλεῖν τούτων ἐνί, ἐπέδωκα ἑμαυτὸν Στωϊκῶ τινι· καὶ διατρίψας ἰκανὸν μετ' αὐτοῦ χρόνον, ἐπεὶ οὐδὲν πλέον ἐγίνετό μοι περὶ θεοῦ (οὐδὲ γὰρ αὐτὸς ἠπίστατο, οὐδὲ ἀναγκαίαν ἔλεγε ταύτην εἶναι τὴν μάθησιν), τούτου μὲν ἀπηλλάγην, ἐπ' ἄλλον δὲ ἦκα, Περιπατητικὸν καλούμενον, δριμύν, ὡς ᾤετο. καὶ μου ἀνασχόμενος οὗτος τὰς πρώτας ἡμέρας ἤξιόν με ἔπειτα μισθὸν ὀρίσαι, ὡς μὴ ἀνωφελῆς ἡ συνουσία γίνοιτο ἡμῖν. καὶ αὐτὸν ἐγὼ διὰ ταύτην τὴν αἰτίαν κατέλιπον, μηδὲ φιλόσοφον οἰηθεὶς ὅλως.

Eu mesmo, no início, desejando também reunir-me com um deles, confiei-me a um estoíco. E, tendo passado bastante tempo com ele, já que nada mais me vinha dele sobre Deus, pois nem sequer ele sabia sobre isso, nem dizia que esse aprendizado era necessário, me separei dele e dirigi-me a outro, chamado peripatético, que parecia ser perspicaz. Este me suportou bem nos primeiros dias, mas em seguida pensou em fixar honorários, a fim de que a nossa convivência não ficasse sem proveito. Eu o deixei por esse motivo, pois ele absolutamente não parecia filósofo.<sup>26</sup>

<sup>24</sup> *Diálogo com Trifão*, I,1-2.

<sup>25</sup> Na verdade, a intenção de Justino nessa primeira parte do diálogo é a de se apresentar como um filósofo cristão e de mostrar o cristianismo como a “única filosofia segura e proveitosa” (VIII).

<sup>26</sup> II, 3.





SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17* (2013/2)  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média

Aqui Justino se utiliza de um outro *tópos* comum na sua época: a crítica às escolas filosóficas a partir de apresentações simplificadas e caricaturais. Assim, os estoicos são criticados pela falta de profundidade metafísica e os aristotélicos, acusados de cobrar pelas lições, nem são considerados filósofos.

Em seguida, após contar como os pitagóricos o desapontaram exigindo o estudo da música, astronomia e geometria<sup>27</sup>, Justino relata seu encontro com os platônicos:

ἐν ἀμηχανία δέ μου ὄντος ἔδοξέ μοι καὶ τοῖς Πλατωνικοῖς ἐντυχεῖν· πολὺ γὰρ καὶ τούτων ἦν κλέος. καὶ δὴ νεωστὶ ἐπιδημήσαντι τῇ ἡμετέρᾳ πόλει συνειὼ ἀνδρὶ καὶ προὔχοντι ἐν τοῖς Πλατωνικοῖς συνδιέτριβον ὡς τὰ μάλιστα, καὶ προέκοπτον καὶ πλεῖστον ὅσον ἐκάστης ἡμέρας ἐπεδίδουν. καὶ με ἦρει σφόδρα ἡ τῶν ἀσωμάτων νόησις, καὶ ἡ θεωρία τῶν ἰδεῶν ἀνεπτέρου μοι τὴν φρόνησιν, ὀλίγου τε ἐντὸς χρόνου ὥμην σοφὸς γεγονέναι, καὶ ὑπὸ βλακείας ἥλιπζον αὐτίκα κατόψεσθαι τὸν θεόν· τοῦτο γὰρ τέλος τῆς Πλάτωνος φιλοσοφίας.

Sem recursos, pareceu-me que devia me encontrar com os platônicos, pois também eles tinham muita fama. E, recentemente, chegara à nossa cidade um homem sagaz, proeminente entre os platônicos; passava muitíssimo tempo com ele e me adiantava cada vez mais enquanto me dedicava a cada dia. Eu me exaltava principalmente com a inteligência dos incorpóreos e a contemplação das formas dava asas à minha inteligência. Em pouco tempo pensava que me tornaria sábio e, pela estupidez, esperava subitamente ver o deus. Pois esta é a meta da filosofia de Platão.<sup>28</sup>

Nessa passagem, Justino nos revela o seu método de aprendizado da filosofia platônica: uma longa frequência de seu mestre, pela qual ele progredia cada vez mais, na medida em que se dedicava à filosofia. Não se trata apenas de conversas sobre a filosofia, mas do convívio com um filósofo, no qual não apenas a doutrina, mas o modo de vida é assimilado. Nesse convívio, o que mais se destacava era a inteligência do incorpóreo e a contemplação das formas inteligíveis.

De fato, a recuperação da teoria das formas é um dos pontos fundamentais do platonismo da época. Mas não estamos falando aqui apenas de *lógos*, mas de

<sup>27</sup> O que, para outros platônicos, como Alcínio e o próprio Plotino, a partir das considerações da *República*, era algo desejável.

<sup>28</sup> *Ibid.*, II, 6.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia* 17 (2013/2)  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média

*nóesis* e *theoría*, ou seja, de inteligência – que no vocabulário platônico, a partir da *República* 511d, indica um conhecimento superior e mais seguro que a *diánoia* – e de contemplação. O que está em jogo é um uso mais profundo das faculdades cognitivas, que não é ainda, como em Plotino, de natureza supra-discursiva, mas tampouco uma mera prática discursiva e argumentativa: trata-se, na verdade, de uma certa visão intelectual, o que o próprio termo *theoría*, derivado do verbo *theáomai*, que pode ser traduzido como *ver*, indica.

Justino também fala da esperança de uma percepção súbita de Deus, que seria, na verdade, a meta da filosofia de Platão. Mas no que consistiria essa visão? É o que se esclarece posteriormente, no relato do diálogo com o ancião que o converteu ao cristianismo: “mas não é aos olhos, eu disse, que a divindade é visível, pai, como os outros seres vivos. Ela é apenas apreensível à inteligência, como diz Platão, e eu acredito nele”.<sup>29</sup> E ainda:

Φησὶ γὰρ Πλάτων, ἦν δ' ἐγώ, αὐτὸ τοιοῦτον εἶναι τὸ τοῦ νοῦ ὄμμα καὶ πρὸς τοῦτο ἡμῖν δεδόσθαι, ὡς δύνασθαι καθορᾶν. αὐτὸ ἐκεῖνο τὸ ὄν εἰλικρινεῖ αὐτῷ ἐκείνῳ, ὃ τῶν νοητῶν ἀπάντων ἐστὶν αἴτιον, οὐ χρῶμα ἔχον, οὐ σχῆμα, οὐ μέγεθος, οὐδὲ οὐδὲν ὧν ὀφθαλμὸς βλέπει· ἀλλὰ τι ὄν τοῦτ' αὐτό, φησὶ, ὄν ἐπέκεινα πάσης οὐσίας, οὔτε ῥητὸν οὔτε ἀγορευτόν, ἀλλὰ μόνον καλὸν καὶ ἀγαθόν, ἐξαίφνης ταῖς εὖ πεφυκυῖαις ψυχαῖς ἐγγινόμενον διὰ τὸ συγγενὲς καὶ ἔρωτα τοῦ ιδέσθαι.

Platão, pois, eu disse, afirma que assim é o olho do intelecto, e que ele nos foi dado para ver, assim como é possível, com ele mesmo, sem mistura aquele próprio ser que é causa de tudo o que é inteligível, sem ter cor, sem forma, sem tamanho, sem nada daquilo que o olho vê, mas que é o próprio ser. Ele diz que é ser sobre toda substância, nem dizível, nem proclamável, o único belo e bom que aparece imediatamente nas almas bem constituídas, pelo parentesco e desejo de ver.<sup>30</sup>

De acordo com Justino, o platonismo afirma que Deus é causa de tudo o que é inteligível e superior a todo o sensível, nem dizível nem proclamável<sup>31</sup> –

<sup>29</sup> *Ibid.*, 3, 7. Ἄλλ' οὐκ ἔστιν ὀφθαλμοῖς, ἦν δ' ἐγώ, αὐτοῖς, πάτερ, ὀρατὸν τὸ θεῖον ὡς τὰ ἄλλα ζῶα, ἀλλὰ μόνῳ νῶ καταληπτόν, ὡς φησι Πλάτων, καὶ ἐγὼ πείθομαι αὐτῷ.

<sup>30</sup> *Ibid.*, 4, 1.

<sup>31</sup> Justino se utiliza aqui de um outro *tópos* platônico, o discurso apofático, que, já presente de um modo incipiente no poema de Parmênides, tem sua forma estilística definida pelo *Parmênides* de Platão e adquire uma grande importância no platonismo do período imperial (por exemplo no *Didascálico* de Alcínoo e na *Enéada VI*, 9 de Plotino).



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia* 17 (2013/2)  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média

pode, no entanto, ser contemplado com o olho do intelecto por causa de um certo parentesco.<sup>32</sup> O ideal apresentado é evidentemente construído a partir de textos platônicos, ainda que siga para além deles: quando Justino fala que “minha estupidez fazia-me esperar subitamente ver Deus”<sup>33</sup>, usa a expressão “*subitamente ver*” (*autíka katópsesthai*) que ecoa o *Banquete* 210e: “aquele, pois, que até esse ponto tiver sido orientado para as coisas do amor, contemplando seguida e corretamente o que é belo, já chegando ao ápice dos graus do amor, imediatamente verá (*eksaíphnes katópsetai*) algo de maravilhosamente belo em sua natureza”.<sup>34</sup> Por isso, dada a semelhança entre as passagens, podemos especular de onde vem a noção de que a contemplação de Deus é “a meta da filosofia de Platão”<sup>35</sup>: trata-se de uma leitura médio-platônica do *Banquete*.

No entanto, declara Justino mais adiante, nem todo homem é capaz de contemplar Deus, “mas aquele que vive de um modo justo, tendo se purificado com a justiça e todas as outras virtudes”.<sup>36</sup> Portanto, a contemplação está estreitamente ligada à purificação e às virtudes, não podendo ser alcançada se não é precedida por elas. Esse é um ponto digno de nota: de acordo com Justino, não é possível, no platonismo, avançar na contemplação filosófica se não se avança antes na virtude. A capacidade humana de conhecer está, assim, associada ao bom estado da alma.

Podemos ser tentados a encarar o testemunho de Justino com ceticismo. Afinal, trata-se de um texto apologético, no qual interessava mostrar as semelhanças do cristianismo com a filosofia<sup>37</sup> e, mais ainda, em declará-lo a

---

<sup>32</sup> Comparar essas afirmações com a *Enéada* VI, 9, 4, 27-28, na qual Plotino fala que é o Um está presente para aqueles que podem tocá-lo pela semelhança e pela potência neles que é parente do que vem dele. Ainda que essa tese remonte a doutrina de Empédocles de que semelhante conhece semelhante, aqui se trata, especificamente, do conhecimento do princípio supremo.

<sup>33</sup> *Diálogo com Trifão*, II, 6.

<sup>34</sup> 210e. ὅς γὰρ ἂν μέχρι ἐνταῦθα πρὸς τὰ ἐρωτικά παιδαγωγηθῆ, θεώμενος ἐφεξῆς τε καὶ ὀρθῶς τὰ καλὰ, πρὸς τέλος ἤδη ἰὼν τῶν ἐρωτικῶν ἐξαίφνης κατόψεται τι θαυμαστὸν τὴν φύσιν καλόν.

<sup>35</sup> *Diálogo com Trifão*, II, 6.

<sup>36</sup> *Ibid.*, 4, 3. τις ἐν δίκη βιώσαιτο, καθηράμενος δικαιοσύνη καὶ τῇ ἄλλῃ ἀρετῇ πάση.

<sup>37</sup> Justino explica essas semelhanças pensando que ou esses filósofos compartilham do *lógos* divino, fundamento da verdade, que se encarnou em Cristo, ou copiaram Moisés, que recebeu a revelação do *lógos*. No entanto, para Justino, a filosofia pagã seria decadente, o que mostra as inúmeras contradições entre os filósofos, e o cristianismo não seria apenas



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia* 17 (2013/2)  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média

verdadeira filosofia, única capaz de alcançar aquilo que o platonismo apenas prometia.<sup>38</sup> Pensaríamos, assim, que as ideias de ascensão da alma, purificação pela virtude e contemplação de Deus seriam projeções cristãs na filosofia platônica, que teria, na verdade, outros aspectos centrais, e que a apropriação de Platão para expressar essas opções seria um fenômeno isolado. Mas encontramos essa tendência também em outros autores. Plutarco, por exemplo, em *Ísis e Osíris*, compara o ápice da filosofia com a *epoptéia*, o grau iniciático mais elevado nos mistérios de Elêusis, tal como faz Platão no *Banquete*<sup>39</sup>, dando a entender que também interpretava o caminho platônico como uma via para a contemplação do princípio supremo:

ἡ δὲ τοῦ νοητοῦ καὶ εἰλικρινοῦς καὶ ἀπλοῦ νόησις ὥσπερ ἀστραπὴ διαλάμψασα τῆς ψυχῆς ἅπαξ ποτὲ θιγεῖν καὶ προσιδεῖν παρέσχε. διὸ καὶ Πλάτων καὶ Ἀριστοτέλης ἐποπτικὸν τοῦτο τὸ μέρος τῆς φιλοσοφίας καλοῦσιν, καθ' ὅσον οἱ τὰ δοξαστὰ καὶ μικτὰ καὶ παντοδαπὰ ταῦτα παραμειψάμενοι τῷ λόγῳ πρὸς τὸ πρῶτον ἐκεῖνο καὶ ἀπλοῦν καὶ ἄυλον ἐξάλλονται καὶ θιγόντες ἀληθῶς τῆς περὶ αὐτὸ καθαρᾶς ἀληθείας οἷον ἐν τελετῇ τέλος ἔχειν φιλοσοφίας νομίζουσι.

A inteligência do que é inteligível, puro e simples, como um raio que ilumina a alma, causa, apenas uma vez, o tocar e o olhar com cuidado. Por isso, Platão e Aristóteles chamam essa parte da filosofia de *epoptica*, na medida em que, através da razão, deixando de lado essas coisas conjecturadas, misturadas e de todo o tipo, lança-se em direção àquele que é primeiro, simples e imaterial, e, verdadeiramente tocando a verdade purificada sobre ele, consideram ter alcançado a meta da filosofia como em uma iniciação.<sup>40</sup>

Plutarco e os autores platônicos posteriores usam cada vez menos a divisão da filosofia em lógica, física e ética, formulada na Academia antiga e consagrada pelos estoicos, passando conceber um caminho filosófico progressivo,

---

uma filosofia superior, mas a única filosofia, por ser a verdadeira herdeira de Moisés, enquanto as outras seriam apenas degradações da verdadeira sabedoria.

<sup>38</sup> Devemos nos lembrar que a visão de Deus, considerada por Justino como meta do platonismo, não foi alcançada por ele através da filosofia, pois pode ser alcançada apenas pela graça do Espírito Santo (4,1). Esse também é outro *tópos* do cristianismo primitivo que também aparece nas *Confissões*, nas quais S. Agostinho relata como tentou, sem sucesso, contemplar as realidades superiores através de sua leitura das *Enéadas* (VII, 17) e como, após a sua conversão, essa contemplação foi alcançada por ele e por sua mãe em Óstia (IX, 10).

<sup>39</sup> *Banquete*, 210a.

<sup>40</sup> Plutarco. *Ísis e Osíris*, 382d.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17* (2013/2)  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média

dividido em ética, física e epóptica, no qual a ética seria, *grosso modo*, uma fase dedicada à purificação, a física, à contemplação da natureza e a epóptica, por fim, à contemplação do inteligível e do princípio supremo, que seria a meta da filosofia (*télos philosophías*).

### III. Plotino

Estamos aqui bem próximos de Plotino. Sua atividade filosófica baseava-se na leitura e comentário de textos filosóficos, especialmente de Platão, mas também de filósofos medioplatônicos e peripatéticos como Severo, Crônio, Gaio, Ático, Aspásio, Adrasto e outros.<sup>41</sup> Nesse sentido, sua proposta inseria-se bem na atmosfera escolar e professoral de seu tempo, no qual muitos estudantes interessavam-se pela filosofia como uma possibilidade de estudos superiores e de cultivo de uma cultura geral mais profunda que a oferecida pelas escolas retóricas: a estrutura de seu ensino era bastante livre e variados tipos de pessoas iam ouvi-lo – políticos, médicos, gnósticos, etc. Qualquer um podia propor qualquer tipo de questão<sup>42</sup> e as discussões sobre assuntos específicos podiam, às vezes, durar vários dias.

Entretanto, algumas passagens das *Enéadas* e da *Vida de Plotino* sugerem que sua proposta filosófica ia além do comentário dos textos e da discussão dialética. Para um grupo mais seletivo de discípulos, Plotino era também um guia espiritual que exortava a um determinado modo de vida. Na *Vida*, Porfírio fala de Eustóquio, um médico de Alexandria que se dedicou exclusivamente às doutrinas de Plotino e obteve o caráter (*béxi*) de filósofo verdadeiro<sup>43</sup>, e do senador Rogaciano, que, tendo se entusiasmado com os ensinamentos platônicos, deixou seus bens, alforriou os criados e declinou das as dignidades<sup>44</sup>, passou a se alimentar de dois em dois dias e, por causa dessa renúncia, ele, que sofria de gota, ficou curado.<sup>45</sup>

Plotino apontava-o como exemplo aos filósofos, talvez porque, como nos conta Porfírio, também adotava um estilo de vida similar:

---

<sup>41</sup> A esse respeito, cf. Porfírio, *Vida de Plotino*, 14.

<sup>42</sup> *Vida*, 3.

<sup>43</sup> *Vida de Plotino*, 7.

<sup>44</sup> *Ibid.*

<sup>45</sup> *Ibid.*



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia* 17 (2013/2)  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média

Συνῆν οὖν καὶ ἑαυτῷ ἅμα καὶ τοῖς ἄλλοις, καὶ τὴν γε πρὸς ἑαυτὸν προσοχὴν οὐκ ἂν ποτε ἐχάλασεν, ἢ μόνον ἐν τοῖς ὕπνοις, ὃν ἂν ἀπέκρουεν ἢ τε τῆς τροφῆς ὀλιγότης – οὐδὲ γὰρ ἄρτου πολλάκις ἂν ἤψατο – καὶ ἢ πρὸς τὸν νοῦν αὐτοῦ διαρκῆς ἐπιστροφή.

Estava junto de si mesmo e, simultaneamente, dos outros, e não afrouxava jamais a atenção a si mesmo, exceto no sono, que a pouca quantidade de alimento – muitas vezes nem comia pão – e sua duradoura conversão ao intelecto costumavam a afugentar.<sup>46</sup>

Segundo Porfírio, para Plotino e seu círculo mais seletivo de discípulos, a filosofia envolvia também algumas opções ascéticas, a contínua atenção a si mesmo (*prosokhé*) e a conversão (*epístrophé*) ao intelecto. Mas o texto da *Vida* vai além e também fala da condução de si mesmo ao Deus primeiro e transcendente com o pensamento, bem como da união com esse Deus, apresentando-a como meta e objetivo:

Οὕτως δὲ μάλιστα τούτῳ τῷ δαιμονίῳ φωτὶ πολλάκις ἐνάγοντι ἑαυτὸν εἰς τὸν πρῶτον καὶ ἐπέκεινα θεὸν ταῖς ἐννοίαις καὶ κατὰ τὰς ἐν τῷ «Συμποσίῳ» ὑφηγημένας ὁδοὺς τῷ Πλάτῳ ἐφάνη ἐκεῖνος ὁ θεὸς ὁ μήτε μορφήν μήτε τινα ἰδέαν ἔχων, ὑπὲρ δὲ νοῦν καὶ πᾶν τὸ νοητὸν ἰδρυμένος. Ὡς δὴ καὶ ἐγὼ Πορφύριος ἅπαξ λέγω πλησιάσαι καὶ ἐνωθῆναι ἔτος ἄγων ἐξηκοστὸν τε καὶ ὄγδοον. Ἐφάνη γοῦν τῷ Πλωτίνῳ σκοπὸς ἐγγύθι ναίων. Τέλος γὰρ αὐτῷ καὶ σκοπὸς ἦν τὸ ἐνωθῆναι καὶ πελάσαι τῷ ἐπὶ πᾶσι θεῷ. Ἔτυχε δὲ τετράκις που, ὅτε αὐτῷ συνήμην, τοῦ σκοποῦ τούτου ἐνεργεῖα ἀρρήτῳ [καὶ οὐ δυνάμει].

Assim, a esse homem *daimônico* que, muitas vezes conduzia a si mesmo para o deus primeiro e transcendente, com os pensamentos e de acordo com os caminhos prescritos no *Banquete* de Platão, apareceu-lhe aquele deus, o que não tem nem figura, nem forma, assentado acima do Intelecto e de todo inteligível. Deste, eu, Porfírio, que tenho sessenta e oito anos, digo ter me aproximado e a ele me unido uma vez. Certamente, para Plotino, o objetivo apareceu habitando em um lugar próximo, pois, para ele, a meta e o objetivo era ser unido e aproximar-se do Deus que está acima de todas as coisas. Enquanto estava junto dele, atingiu esse objetivo quatro vezes em uma atividade inefável (e não em potência).<sup>47</sup>

<sup>46</sup> *Ibid.*, 8.

<sup>47</sup> *Vida.*, 23.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17* (2013/2)  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média

Não se deve ler ingenuamente a *Vida de Plotino* como um documento factual, esquecendo as convenções do gênero biográfico antigo, no qual a fidelidade histórica não era a principal das preocupações. Mas também não é preciso, por isso, descartar o texto como mera ficção. Afinal, ele reflete as concepções filosóficas de um discípulo de Plotino<sup>48</sup> e baseia-se em suas memórias. De qualquer modo, temas como a exortação a uma vida frugal, a atenção à própria alma, conversão ao inteligível e união com, para usar as palavras de Porfírio, o “deus primeiro”, que Plotino frequentemente chama de Bem ou Um, são recorrentes nas *Enéadas*.

Já em I, 6, seu primeiro tratado, Plotino afirma que “deve-se ascender novamente ao Bem, que toda alma deseja”.<sup>49</sup> O adjetivo verbal empregado, *anabatéon*, derivado do verbo *anabaíno* (ir para cima, ascender), indica que o modo de vida proposto em sua escola pode ser compreendido como uma jornada de ascensão da alma. Aquele que vê o Bem, lemos em I, 6, é tomado de um amor e afecções ainda mais intensas que as experimentadas na contemplação dos belos corpos e das belas almas.

Por sua vez, aquele que se apega ao mundo sensível é como Narciso, que, desejando apanhar a sua imagem na água, desapareceu nas correntezas.<sup>50</sup> É que o belo sensível é apenas uma imagem da verdadeira beleza, a inteligível. Assim, o belo deve ser buscado na ascensão, não nos corpos. Aqueles que mergulham no sensível em busca de seus atrativos, correndo atrás de imagens, terminariam como Narciso.

De acordo com Plotino, o mito indicaria que esses, após a morte, permaneceriam cegos no Hades, convivendo com sombras. Ainda em I, 6, a ascensão é apresentada como o retorno ao lar. Citando a *Ilíada*, 2, 140, Plotino

---

<sup>48</sup> Aliás, uma leitura cuidadosa do texto mostra justamente que, ao lado das convenções típicas da biografia filosófica (entre as convenções, que também aparecem em Diógenes Laércio, estão a necessidade de se falar da origem do filósofo, de seus mestres, escola, discípulos, morte e textos, bem como relatar anedotas e da transcrever), o grande fator estruturante são os temas tratados por Plotino em seus escritos. Por exemplo: a anedota da invocação do *dáimon* (*Vida*, 10) aparece para situar a *Enéada* III, 4; a menção aos gnósticos (*Vida*, 16) está ligada à *Enéada* II, 9; a discussão de Porfírio e Plotino a respeito da relação dos inteligíveis com o Intelecto ecoa a *Enéada* V, 5; o relato da ascensão mística de Plotino através do método ensinado no *Banquete* de Platão faz alusão à *Enéada* I, 6.

<sup>49</sup> I, 6, 7, 1. Ἀναβατέον οὖν πάλιν ἐπὶ τὸ ἀγαθόν, οὗ ὀρέγεται πᾶσα ψυχή.

<sup>50</sup> I, 6, 8, 11-12.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17* (2013/2)  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média

exorta<sup>51</sup>: “fujamos então para a pátria querida”<sup>52</sup> e, se lembrando da Odisseia, tradicionalmente lida pelos neoplatônicos como um texto alegórico que narra o retorno da alma ao seu verdadeiro lar, afirma que aquele que segue o caminho de ascensão deve ser como Odisseu, que fugiu de Circe e Calipso, apesar de seus encantos, para voltar a Ítaca, objeto último de seus desejos.

Retomando o tema na *Enéada* VI, 9, fazendo referência ao discurso de Pausânias no *Banquete* de Platão, Plotino afirma que existem dois amores, o celeste e o vulgar. O amor celeste é o amor pelo Um, semelhante ao de uma virgem por seu belo pai. O amor vulgar é aquele que surge quando a alma se liga ao devir e é como aquele de uma virgem enganada por seus pretendentes e, na ausência do pai, ultrajada. Quando ela se cansa dos ultrajes, purificando-se, pode voltar para junto do pai e para seu bem-estar. Aqui Plotino propõe um exercício imaginativo: que o leitor pense nos seus amores terrenos e, encontrando as coisas que mais ama, perceba que são “mortais, prejudiciais, amores de ídolos e que mudam, pois não eram o verdadeiro amado, nem o nosso bem, nem o que buscamos”.<sup>53</sup>

A ascensão é também um caminho para a realização dos mais profundos anseios da alma e, portanto, uma via para a plena realização do amor. Alcançar o Um é uma experiência mais profunda que a união carnal, pois ele é o verdadeiro amado, do qual é realmente possível estar junto e não apenas abraçá-lo por fora com a carne.<sup>54</sup>

Mas, apesar de sua natureza contemplativa e do amor que a guia, a ascensão ao Bem não é uma jornada fácil. Utilizando uma expressão do *Fedro* 247b, Plotino fala, em I, 6, em disputa<sup>55</sup> e fadiga.<sup>56</sup> Isso porque, tal como no medioplatonismo, a visão do Bem só pode ser feita após um longo processo de ascensão. Que ascensão é essa? A ascensão da alma do filósofo, que parte do sensível e busca alcançar o inteligível (ou melhor, o Intelecto) e o Um.

<sup>51</sup> Sobre a importância do discurso prescritivo em I, 6, ver SCHNIEWIND, 2000.

<sup>52</sup> I, 6, 8, 16-17. Φεύγωμεν δὴ φίλην ἐς πατρίδα.

<sup>53</sup> VI, 9, 9, 41-44. θνητὰ καὶ βλαβερὰ καὶ εἰδώλων ἔρωτες καὶ μεταπίπτει, ὅτι οὐκ ἦν τὸ ὄντως ἐρώμενον οὐδὲ τὸ ἀγαθὸν ἡμῶν οὐδ' ὁ ζητοῦμεν.

<sup>54</sup> VI, 9, 9.

<sup>55</sup> I, 6, 7, 31-32. ἀγὼν μέγιστος καὶ ἔσχατος.

<sup>56</sup> *Ibid.* πόνος.





SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17* (2013/2)  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média

Obviamente, não se trata de uma ascensão espacial, mas de algo semelhante a um despertar contemplativo. Plotino, em I, 6, afirma que “deve-se mudar para outra visão e despertá-la, aquela que todos têm, mas poucos usam”.<sup>57</sup> A ascensão plotiniana é, portanto, um processo pelo qual o filósofo deixa de dirigir sua alma apenas ao sensível e se torna capaz de contemplar as hipóstases superiores, que, segundo Plotino, também são interiores, enquanto fundamento da existência dos seres inferiores. Portanto, a ascensão também pode ser pensada como *epistrophé*, conversão, e *prosokhé*, direcionamento da atenção. Nas suas palavras, é necessário “converter a percepção<sup>58</sup> para dentro e fazer com que a atenção se dirija para lá”<sup>59</sup>, ou seja, para o Intelecto e o Um.

Mas como é feita essa ascensão? Eis o que Plotino afirma em I, 3:

Ἔστι μὲν οὖν ἡ πορεία διττὴ πᾶσιν ἢ ἀναβαίνουσιν ἢ ἄνω ἐλθοῦσιν· ἡ μὲν γὰρ προτέρα ἀπὸ τῶν κάτω, ἡ δὲ γε δευτέρα, οἷς ἤδη ἐν τῷ νοητῷ γενομένοις καὶ οἷον ἴχνος θεῖσιν ἐκεῖ πορεύεσθαι ἀνάγκη, ἕως ἂν εἰς τὸ ἔσχατον τοῦ τόπου ἀφίκωνται, ὃ δὴ τέλος τῆς πορείας ὄν τυγχάνει, ὅταν τις ἐπ’ ἄκρῳ γένηται τῷ νοητῷ.

O caminho é duplo para todos, um quando ascendem e o outro quando chegam ao alto. O primeiro, a partir das coisas de baixo. O segundo é para os que, tendo alcançado o inteligível e como que colocado sua pegada ali, devem viajar até chegarem aos confins do lugar, que é a meta do caminho, quando se alcança o topo do inteligível.<sup>60</sup>

A jornada de ascensão possui, assim, duas etapas. Uma que vai do sensível ao inteligível e outra que, do inteligível alcança o Um, que é chamado aqui de topo do inteligível. Como a linguagem espacial aqui empregada é apenas metafórica, isso significa que a ascensão é um processo que faz com que a atenção do filósofo se direcione, em primeiro lugar, do sensível ao inteligível e, em seguida, do inteligível ao Um.

<sup>57</sup> I, 6, 8, 26-28. ἀλλ’ οἷον μύσαντα ὄψιν ἄλλην ἀλλάξασθαι καὶ ἀνεγείραι, ἣν ἔχει μὲν πᾶς, χρῶνται δὲ ὀλίγοι.

<sup>58</sup> Prefiro traduzir *antilepsis* aqui pelo termo mais neutro *percepção* que por *consciência*, tal como alguns comentadores, para distanciar as idéias de Plotino das teorias modernas e contemporâneas de consciência.

<sup>59</sup> V, 1, 12-14. Δεῖ τοίνυν, εἰ τῶν οὕτω παρόντων ἀντίληψις ἔσται, καὶ τὸ ἀντιλαμβανόμενον εἰς τὸ εἶσω ἐπιστρέφειν, κάκεῖ ποιεῖν τὴν προσοχὴν ἔχειν.

<sup>60</sup> I, 3, 1, 13-15.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17* (2013/2)  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média

Mas como é isso possível? Em I, 6, 8, 1-4, Plotino se pergunta qual o *trópos* e *mekhané* que tornam possível a contemplação da beleza inconcebível, ou seja, o Intelecto. A pergunta é reveladora: podemos traduzir *trópos* por conduta e *mekhané* por mecanismo, artifício, técnica. Isso significa que, para empreender a ascensão, o filósofo deve adotar uma certa conduta, ou seja, um determinado modo devida, e empregar certos mecanismos ou técnicas, ou seja, práticas deliberadas, que o conduzirão aos princípios. A questão então é: quais a conduta e as práticas que tornam possível a ascensão?

Plotino não dá uma única resposta a essa questão, mas parece indicar que pessoas com temperamentos diferentes podem seguir caminhos diferentes. É isso, ao menos, que as suas indicações a respeito da ascensão do músico, do amante e do filósofo em I, 3 parecem indicar. Para nossos propósitos aqui, gostaria apenas de aludir à perspectiva de I, 2. Ali, a ascensão aparece como um caminho de progresso na virtude.

Em primeiro lugar, aquele que deseja ascender deve adquirir as virtudes políticas, chamadas assim como uma referência à análise das virtudes da *República* de Platão. Trata-se, desse modo, da justiça, coragem, temperança e sabedoria, que, segundo Plotino, dão ordem à alma e moderação às suas potências. Eis a sua descrição: “a sabedoria diz respeito à parte racional; a coragem à irascível; a temperança, que é um acordo e harmonia da parte concupiscente com o raciocínio; a justiça, que é um cuidado com as próprias coisas de cada uma dessas partes no governar e ser governado”.<sup>61</sup>

É a partir das virtudes políticas que o filósofo alcançará a *metriopátbeia*, a moderação das paixões, considerada por muitos pensadores da Antiguidade, especialmente no medioplatonismo, como o ideal filosófico (em contraposição às concepções dos estoicos).<sup>62</sup> Ainda de acordo com o texto de I, 2, as virtudes políticas nos ordenam e nos tornam melhores, “limitando e

---

<sup>61</sup> I, 2, 1. φρόνησιν μὲν περὶ τὸ λογιζόμενον, ἀνδρίαν δὲ περὶ τὸ θυμούμενον, σωφροσύνην δὲ ἐν ὁμολογίᾳ τινὶ καὶ συμφωνίᾳ ἐπιθυμητικοῦ πρὸς λογισμόν, δικαιοσύνην δὲ τὴν ἐκάστου τούτων ὁμοῦ <οἰκειοπραγίαν ἀρχῆς περὶ καὶ τοῦ ἄρχεσθαι>.

<sup>62</sup> A esse respeito, cf. PEIXOTO, M. Cícero, Plutarco e Galeno: sobre a possibilidade de uma *therapeia* das paixões. *Hypnos*, n. 21, 2008, p. 153-177.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17* (2013/2)  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média

impondo medida aos desejos e, em geral, impondo medida às paixões e suprimindo as opiniões falsas”.<sup>63</sup>

No entanto, essa não é a meta final. Superiores às virtudes políticas, são as virtudes purificativas, que separam, de algum modo, a alma do corpo: como purificação, a sabedoria é a virtude daquela que não mais compartilha das opiniões do corpo, mas age sozinha; a temperança, a virtude de quem não compartilha das paixões do corpo; a coragem, daquele que não teme se separar do corpo; a justiça, por fim, é a virtude daquela que, sem oposição, é governada pela razão e pelo intelecto. Pode-se dizer, portanto, que as virtudes purificativas separam a alma do corpo enquanto promovem um certo desapego: a alma purificada não mais compartilhará das opiniões e paixões do corpo, nem temerá mais a separação definitiva da morte.

É nessa prática de purificação que podemos pensar em *mekhané*. Podemos identificar, nas *Enéadas*, algumas práticas que auxiliam nessa purificação. Em primeiro lugar, a própria reflexão filosófica, que tira as opiniões falsas da parte racional da alma e a impede de compartilhar as opiniões do corpo. Em segundo lugar, como aparece em III, 6, 5, a partir do controle da *phantasia* (imaginação). Plotino afirma que é necessário suprimir (*aphaireîn*) as imagens que chegam até a alma a partir de sua parte que dizem ser capaz de sofrer afecções (*epì tou legómenou pathetikoû*), não permitindo que ocorram (*mè eàn engínesthai*).<sup>64</sup> Se aparecem essas imagens, a alma ainda não está em um bom estado, mas, se não ocorrem, ela é impassível.

Essa supressão das imagens é comparada a um despertar: “é como se alguém, querendo abolir as imagens dos sonhos, trouxesse à vigília a alma que imagina”.<sup>65</sup> Por fim, em terceiro lugar, pela terapia das paixões que tem como objetivo a *apátheia*, a ausência de paixões, o que parece ser feito através da ação da alma racional na alma inferior, onde se encontram a concupiscência e a ira. Nas palavras de Plotino, essa influência da alma racional se dá “assim como se algum dos vizinhos de um sábio se beneficiasse de sua vizinhança,

---

<sup>63</sup> I, 2, 2, 16-17. τὰς ἐπιθυμίας καὶ ὅλως τὰ πάθη μετροῦσαι καὶ ψευδεῖς δόξας ἀφαιροῦσαι.

<sup>64</sup> III, 6, 5, 7-8.

<sup>65</sup> III, 6, 5, 10-11. οἷον εἴ τις τὰς τῶν ὄνειράτων φαντασίας ἀναιρεῖν ἐθέλων ἐν ἐργηγόρσει τὴν ψυχὴν τὴν φανταζομένην ποιοίη.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17* (2013/2)  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média

seja se tornando semelhante a ele ou se envergonhando de modo a não ousar fazer aquilo que o homem bom não quer”.<sup>66</sup>

Quando a purificação é alcançada, o filósofo adquire as virtudes contemplativas, que tornam a alma capaz de contemplar o inteligível: “a sabedoria e a prudência é a contemplação das coisas que o intelecto possui”<sup>67</sup>, a justiça é a atividade que se volta ao Intelecto<sup>68</sup>, a temperança é a “volta interior para o Intelecto”<sup>69</sup> e a coragem é a “impassibilidade de acordo com a semelhança com aquilo para o qual em direção olha, que é impassível por natureza”.<sup>70</sup>

Finalmente, existe o modelo das virtudes que é a própria vida do Intelecto: a inteligência é sua sabedoria; o próprio ato dirigido para si mesmo é a temperança; a atividade própria é sua justiça; a coragem é sua imaterialidade e pureza.<sup>71</sup> Acredito que esse modelo também pode ser experimentado pela alma. É que, quando alcança a meta da primeira parte da jornada, ela se torna capaz não apenas de contemplar o Intelecto, mas de se unir a ele, experimentando sua vida.<sup>72</sup>

Quanto a segunda parte da jornada, ela parece ser mais passiva. Plotino afirma em V, 5, 8, 1-7 que não se deve andar em busca do Um, mas aguardá-lo serenamente como os olhos aguardam a saída do sol, que aparecendo sobre o horizonte do Oceano, oferece a si mesmo, espontaneamente, aos olhos que o contemplam. É que, quando se une ao Intelecto, o filósofo, já purificado, alcançou o grau máximo da virtude, e, portanto, não há mais nada que possa fazer, a não ser, contemplando o Intelecto, esperar que essa contemplação se intensifique e que ele se torne capaz, nesse momento, de alcançar o

---

<sup>66</sup> I, 2, 5,25-27. ὡςπερ εἶ τις σοφῶ γειτονῶν ἀπολαύοι τῆς τοῦ σοφοῦ γειτνιασεως ἢ ὁμοιος γενόμενος ἢ αἰδοῦμενος, ὡς μηδὲν τολμᾶν ποιεῖν ὧν ὁ ἀγαθὸς οὐ θέλει.

<sup>67</sup> I, 2, 6. Ἡ σοφία μὲν καὶ φρόνησις ἐν θεωρίᾳ ὧν νοῦς ἔχει.

<sup>68</sup> *Ibid.* τὸ πρὸς νοῦν ἐνεργεῖν

<sup>69</sup> *Ibid.* ἢ εἴσω πρὸς νοῦν στροφή.

<sup>70</sup> *Ibid.* ἢ δὲ ἀνδρία ἀπάθεια καθ' ὁμοίωσιν τοῦ πρὸς ὃ βλέπει ἀπαθὲς ὄν τὴν φύσιν,

<sup>71</sup> I, 2, 7, 4-7. Καὶ γὰρ ἡ νόησις ἐκεῖ ἐπιστήμη καὶ σοφία, τὸ δὲ πρὸς αὐτὸν ἡ σωφροσύνη, τὸ δὲ οἰκεῖον ἔργον ἢ οἰκειοπραγία, τὸ δὲ οἶον ἀνδρία ἢ ἀυλότης καὶ τὸ ἐφ' αὐτοῦ μένειν καθαρὸν.

<sup>72</sup> A esse respeito, cf. BRANDÃO, Bernardo. A experiência mística intelectual na filosofia de Plotino. *Hypnos*, n. 21, 2008.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17* (2013/2)  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média

fundamento do inteligível a partir de uma presença superior à ciência (*parousía epistêmes kreittona*).<sup>73</sup>

## Conclusão

Podemos agora avaliar em que medida a concepção de filosofia em Plotino se torna mais complexa a partir de sua noção de ascensão. Tanto a noção de *theoría* (contemplação), quanto de *kátharsis* (purificação), parecem estar bem distantes de uma visão da filosofia como uma prática de construção de doutrinas e argumentos. É que, como podemos perceber, o caminho de progresso na virtude não pode ser reduzido à uma prática discursiva, ainda que o discurso tenha um papel fundamental no processo. Como vimos, ela implica na adoção de um modo de vida moderado e na busca pela *metriopátheia* e, em seguida, pela *apátheia*.

Por sua vez, a *theoría* não é mais pensamento discursivo, mas um direcionamento da atenção àquilo que é interior e anterior ao pensamento. Para usar os termos de Plotino, é *nóesis* (intelecção) e *parousía epistêmes kreittona* (presença superior à ciência, como ele afirma em VI, 9, 4, se referindo à experiência de união com o Um). Mas, se a finalidade mais elevada da atividade filosófica é, para Plotino, a contemplação do Intelecto e do Um, isso significa que o discurso não pode abarcá-la.

\*\*\*

## Fontes

- JUSTINO. *Dialogus cum Tryphone*. In: GOODSPEED, E. *Die ältesten Apologeten*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1915.
- PLOTINO. *Enéadas*. In: HENRY, P. & SCHWYZER, H.-R., *Plotini opera*, 3 vols. Leiden: Brill, 1:1951; 2:1959; 3:1973.
- PLUTARCO. *De Iside et Osiride*. In: SIEVEKING, W. *Plutarchi moralia*, vol. 2.3. Leipzig: Teubner, 1935, 1-80.
- PORFÍRIO. *Vita Plotini*. In: HENRY, P. & SCHWYZER, H.-R., *Plotini opera*, vol. I. Leiden: Brill, 1951.

---

<sup>73</sup> VI, 9, 4, 3.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17* (2013/2)  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média

## **Bibliografia**

- BRANDÃO, Bernardo. “A experiência mística intelectual na filosofia de Plotino”. In: *Hypnos*, n. 21, 2008.
- COOPER, John. *Pursuits of wisdom: six ways of life in ancient philosophy, from Socrates to Plotinus*. Princeton: Princeton University Press 2012
- HADOT, Pierre. *Philosophy as a Way of Life*. Oxford: Blackwell Publishers, 1995  
\_\_\_\_\_. *O que é Filosofia Antiga*. São Paulo: Loyola, 2008.
- MARROU, Henri. *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU, 1975.
- PEIXOTO, M. “Cícero, Plutarco e Galeno: sobre a possibilidade de uma *therapeia* das paixões”. In: *Hypnos*, n. 21, 2008.